

TERÇA-FEIRA

O ESTADO DE S. PAULO

5 DE DEZEMBRO DE 1969

Comunidades à margem do novo Brasil

LINA DE ALBUQUERQUE

Hoje um precoce substituto do Papai Noel teria um encontro marcado com as crianças de Holambra, uma comunidade de holandeses a 40 quilômetros de Campinas. Ele é São Nicolau, um bispo espanhol que costuma aparecer nas ruas de Holanda no dia cinco de dezembro distribuindo presentes carregados nas costas da apavorante e mística figura do ajudante Pedro Negro — que leva os garotos travessos para a Espanha.

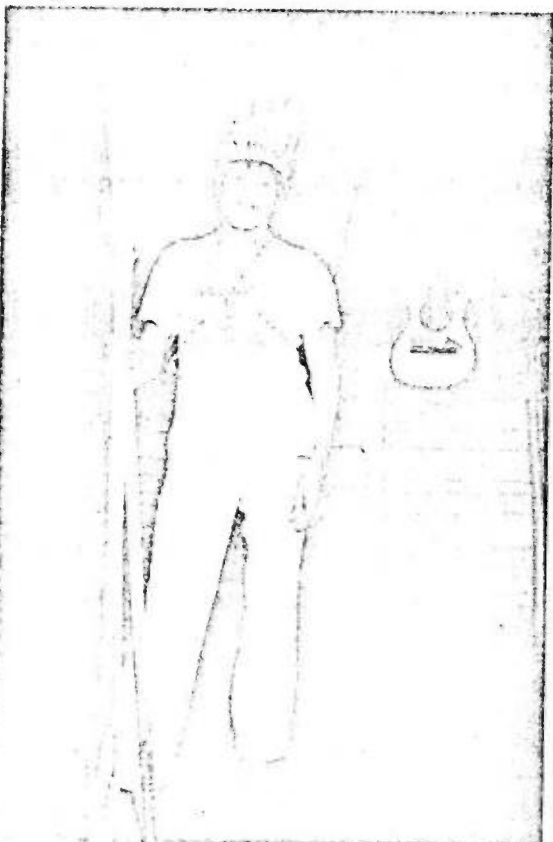
Em Holambra essa festa foi antecipada no domingo e roubou por um dia o foco das atenções do acontecimento mais importante do momento: a eleição presidencial. A menos de duas semanas para o segundo turno, diversas comunidades do País prepararam-se para o exercício da democracia. Algumas delas, porém, não acreditam em Papai Noel — nem em política.

Assim caminham, por exemplo, as aldeias de Cafundó e de Parelheiros. Para a maioria dos seus moradores, política não é assunto que mereça tanta consideração. Os índios guaranis de Parelheiros, não pescam há muito tempo e estão mais interessados na resolução de um problema imediato: a despoluição da represa Billings. "Será que as eleições vão trazer mesmo algum benefício para a gente?", pergunta o cacique Carai.



Ana Lúcia, tataraneta da escrava herdeira de Cafundó: dialeto africano e medo do comunismo

Africanos se comunicam por dialeto



Cacique Carai, guarani: preocupado com a Billings

Podem ter pensado no Brasil onde descendentes de escravos até hoje se comunicam por um dialeto africano. Nas noites quentes, eles alimentam a lenda de que as almas de seus antepassados voltam pela promissória batucada ao redor da língua. Esse lugar é Cafundó, um fim de mundo de oito alqueires perto de Salto de Piraporã, próximo à cidade de Sorocaba (SP). Incentivada na periferia de São Paulo, outra abelha de fortes raízes e igualmente miserável insiste também em conservar a sua presença no mapa. Abençoada por Tupã, vive em Parelheiros uma das últimas tribos guaranis. Ali, crianças só tomam contato com o português por volta dos dez anos de idade.

Tanto a maior parte dos 90 moradores de Cafundó como a dos 160 índios de Parelheiros mantêm-se ao largo das eleições. Nas duas comunidades, somente uma pequena minoria vota e muitos deles se decidem mesmo na hora. De coçar e camiseteta Calvin Klein, o cacique Carai preferiu passar o dia 15 de novembro pitando peiçaga (cachimbo) riuacnecho de fumo de cordal e coletando taquara para os artesanatos que vende na cidade. Se tivesse, no entanto, de escolher um candidato, este seria Luiz Inácio Lula da Silva — muito embora não esteja tão convicto assim dessa opção.

Ana Lúcia de Almeida, tataraneta de uma das escravas que ganhou as terras de Cafundó do antigo "sinhô", não anda também muito seduzida pelo assunto. Vota no segundo turno mais porque é obrigada. Ela mora num minúsculo quarto com o marido e a entenda e diz que decidiu por Fernando Collor por um único motivo: tem medo do comunismo. No primeiro turno, foi com mais gosto às urnas e escolheu, curiosamente, o can-

dilato Antônio Pedreira — o único capaz de entender o "sufundô", a região.

Mas Pedreira só tomou conhecimento da existência de Cafundó após ter recebido uma carta de apelo de um "afundense" — que só chegou depois do primeiro turno. Pouca gente conhece a história do povoado: o dono daquelas terras, o tenente Joaquim Manoel de Oliveira, era simpático à causa dos negros e resolveu presentear duas ex-escravas com cem alqueires. Os alforriados que passaram a viver lá eram naninamucamba — analfabetos, conforme o dialeto — e por isso foram enganados diversas vezes e a sua propriedade, encolchendo cada vez mais. Eram trapaceados com frequência por gente que pedía que assinassem recibos de arrendamento de terras ou atestados de recebimento de presentes — na verdade, contratos de vendas. Do mesmo modo, os grileiros nunca davam sossego. O pai de Ana, por exemplo, foi assassinado por um deles quando ela tinha dez dias de vida. Aos dez anos, ela viu o mesmo homem invadir novamente Cafundó e ser vingado pelos seus tios.

Neste mês, o Condephaat promete oficializar o tombamento de 80 alqueires das antigas terras de Cafundó. Contribuiu para essa conquista o fato de os descendentes terem mantido cerca de 200 palavras originárias de línguas da África Meridional. Para o idioma não ser esquecido pelas crianças, Ana compõe canções no dialeto como a que diz Copipi vimbundo nani cusumho — "as palavras do negro ninguém escutou". A letra vale também para os índios que ocupam 24 alqueires em Parelheiros. "Nem podemos mais pescar aqui porque a represa Billings está poluída", reclama Carai.

Apelo aos costumes incentiva isolamento

Eles já estão acostumados a ser chamados de japoneses e não dão poleia para isso — mesmo porque muitos já têm emprego em São Paulo. Mas a comunidade é fechada e não aceita muito contato com o mundo exterior. Por exemplo, há um grupo bem numeroso e de poucas relações com a colônia nipônica. São ao todo em mil no País — 950, só em São Paulo — segundo as contas de Cheng Yih, secretário-geral do Centro Social Chinês.

"Os imigrantes chineses falam apenas e indispensável para os nêgocios", assegura David Jye Yuan Shyu, compatriota de Yih. Ele foi "importado" pelo Centro há 17 anos, especialmente para ensinar os segredos do idioma chinês à terceira geração, que já tem mais desenvolvimento com o português. Longe da maioria deles, no entanto, quererer propiciar com isso uma abertura maior à miscigenação: "Detestaria que minhas filhas se casassem com não-chineses", revela Yih. "Haveria acaha-

nação por parte dos chineses. Mas, pois os nêgocios e o comércio são completamente diferentes, não nos permitem para o casamento. Por exemplo, há a seguinte:

Bona Wa Lee, presidente da Associação de Coreanos de São Paulo — notoriamente tida como a comunidade de imigrantes mais fechada do País — enuncia as palavras do chinês: "Se os coreanos numa família casarem de passadinho de São Paulo, eles procuram o seu pai para acahalar", sustenta.

Lee não revela seu voto para presidente, mas deixa claro a opção para o 2º turno. "O comunismo transforma a sociedade em zambinho", acredita. No mesmo mês, Yih e Shyu votaram no candidato do PRN. Uma das raras exceções da comunidade é o industrial Lawrence Pih, que durante algum tempo apoiou o PT. "Mas ele nasceu rico, não é como a maioria dos imigrantes", contesta Yih.



Yih, à dir.: "Minha filha deve casar com um chinês"

Holandeses resistem aos "estrangeiros"

A cada dia novos estrangeiros tentam a sorte num pedaço da Holanda situado na região de Campinas. Aos olhos dos primeiros imigrantes da Cooperativa Agropecuária Holambra — projetada em 1918 por um acordo entre o Brasil e a Holanda —, os estrangeiros são os brasileiros que se misturaram aos seis mil holandeses e descendentes do local.

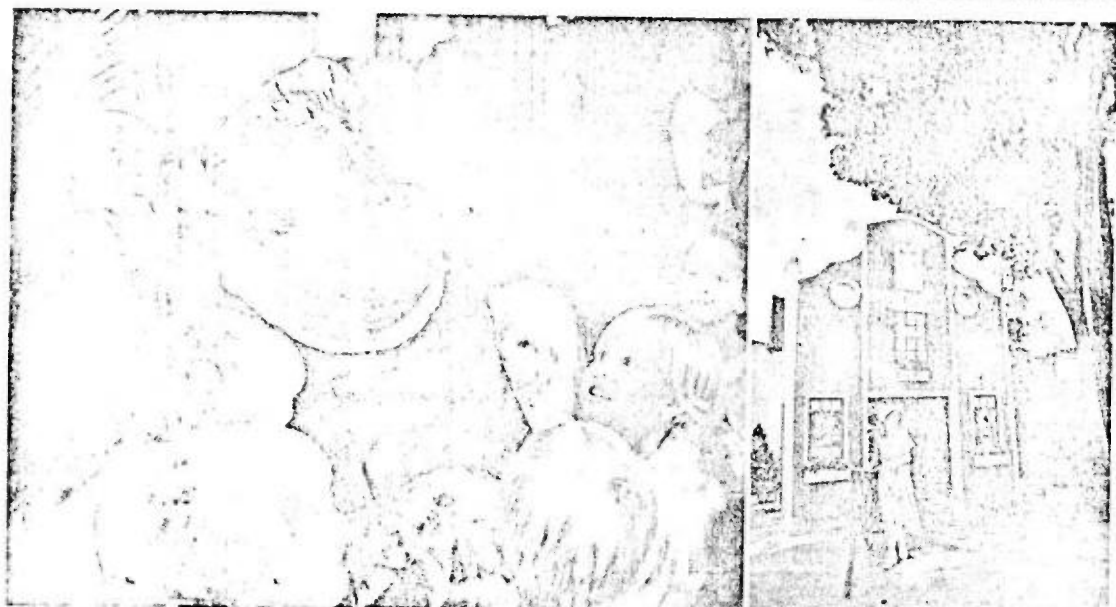
Holambra é o nome de uma cooperativa que conquistou o posto de maior exportadora nacional de plantas. Os seus associados produzem também frangos e frutas cítricas, que alcançam faturamento anual de US\$ 50 milhões. Todo esse desenvolvimento, porém, teve um preço: os holandeses abriram as portas da colônia e hoje se tornaram minoria entre os seis mil habitantes da região.

Essa transformação é encarada com naturalidade por Ria Schoemaker, presidenta da comunidade. Ela desembarcou na Holambra em 1958, dez anos

po de pioneiros na Fazenda Ribeirão. As suas quatro filhas sabem falar holandês, mas não gostam. E, por esse motivo, acabam às vezes excluindo a avó das conversas — a mãe de Ria, mesmo depois de 30 anos no País, não aprendeu português.

Grande parte dos brasileiros dali, afirma Frank Gerritsen, de 21 anos e dono de uma confeitaria na vila, trabalha em terras de holandeses. "É raro eles frequentarem a minha casa", reconhece.

Se dependesse dos "holambreses", Guilherme Affonso Demétrio seria o próximo presidente do Brasil. Prestaria o desde os tempos de secretário da Agricultura, o seu nome até hoje circula pelos adesivos dos carros. Nos almoços domingueiros na casa de Martha Litjen, cunhada de Ria, a política brasileira é prato indispensável — e discutida em holandês. Martha não é naturalizada, mas se votasse aqui escolheria Covas no primeiro e Lula no segundo turno.



Pedro Negro: ajudante de São Nicolau, o Papai Noel holandês

Martha: política em holandês

Comunidades à margem do novo Brasil

UMA DE ABREUQUERQUE

Hoje um preceito substituiu do Papai Noel terra um encontro marcado com as crianças de Holambra, uma comunidade de holandeses a 40 quilômetros de Campinas. Ele é São Nicolau, um bispo espanhol que costuma aparecer nas ruas de Holambra no dia cinco de dezembro distribuindo presentes carregados nas costas da aparante e mística figura do ajudante Pedro Negro — que leva os garotos travessos para a Espanha.

Em Holambra essa festa foi antecipada no domingo e contou por um dia o foco das atenções do acontecimento mais importante do momento: a eleição presidencial. A menos de duas semanas para o segundo turno, diversas comunidades do País prepararam-se para o exercício da democracia. Algumas delas, porém, não acreditam em Papai Noel — nem em política.

Assim caminham, por exemplo, as aldeias de Cafundó e de Pareiheiros. Para a maioria dos seus moradores, política não é assunto que mereça tanta consideração. Os filhos guaranis de Pareiheiros não pescam há muito tempo e estão mais interessados na resolução de um problema imediato: a despoluição da represa Billings. "Será que as eleições vão trazer mesmo algum benefício para a gente?", pergunta o cacique Carai.



Ana Lúcia, latarreta da escrava herdada de Cafundó; dialeto africano e medo do comunismo

Africanos se comunicam por dialeto



Cacique Carai, guarani preocupado com a Billings

Hoje não se pode falar de dialeto sem falar em comunhão por dialeto. Os dialetos são, na verdade, variedades de uma mesma língua. Mas, quando os dialetos são muito diferentes, como os que se falam em Holambra, eles constituem verdadeiros idiomas. É o caso do dialeto africano que se fala em Holambra, uma comunidade de holandeses a 40 quilômetros de Campinas. O dialeto africano é muito diferente do português e do espanhol, e os seus falantes não conseguem entender o português e o espanhol.

Tanto a maioria dos 90 moradores de Cafundó como a dos 150 índios de Pareiheiros mantêm-se nos laços das tradições. Nas duas comunidades, somente uma parte da maioria vota e muitos deles se decidem mesmo na hora. De notar é a ausência de Carai, o cacique Carai preferiu passar o dia 15 de novembro plantando pinhas, recolhendo as sementes de fumo de corda e coletando tapetes para os artesanatos que vende na cidade. Se tivesse no momento de escolher um candidato, ele escolheria José Inácio Lula da Silva — mas não embora não seja um candidato nem de esquerda.

Hoje não se pode falar de dialeto sem falar em comunhão por dialeto. Os dialetos são, na verdade, variedades de uma mesma língua. Mas, quando os dialetos são muito diferentes, como os que se falam em Holambra, eles constituem verdadeiros idiomas. É o caso do dialeto africano que se fala em Holambra, uma comunidade de holandeses a 40 quilômetros de Campinas. O dialeto africano é muito diferente do português e do espanhol, e os seus falantes não conseguem entender o português e o espanhol.

Neste momento, o Conselho Municipal de Holambra está reunido em 30 dias de trabalho no município de Holambra. O trabalho principal é a elaboração do plano de desenvolvimento econômico e social do município. Para o dialeto africano, a preocupação principal é a sobrevivência. A comunidade africana de Holambra vive em condições precárias e precisa de ajuda para melhorar sua situação econômica e social.

Apelo aos costumes incentiva isolamento

Hoje não se pode falar de dialeto sem falar em comunhão por dialeto. Os dialetos são, na verdade, variedades de uma mesma língua. Mas, quando os dialetos são muito diferentes, como os que se falam em Holambra, eles constituem verdadeiros idiomas. É o caso do dialeto africano que se fala em Holambra, uma comunidade de holandeses a 40 quilômetros de Campinas. O dialeto africano é muito diferente do português e do espanhol, e os seus falantes não conseguem entender o português e o espanhol.



Yh. He dir. "Muita féria de carnaval e de carnaval"



Pedra Negra, ajudante de São Nicolau, o Papai Noel holandês

Muitos políticos em Holambra

Holandeses resistem aos "estrangeiros"

Hoje não se pode falar de dialeto sem falar em comunhão por dialeto. Os dialetos são, na verdade, variedades de uma mesma língua. Mas, quando os dialetos são muito diferentes, como os que se falam em Holambra, eles constituem verdadeiros idiomas. É o caso do dialeto africano que se fala em Holambra, uma comunidade de holandeses a 40 quilômetros de Campinas. O dialeto africano é muito diferente do português e do espanhol, e os seus falantes não conseguem entender o português e o espanhol.

Hoje não se pode falar de dialeto sem falar em comunhão por dialeto. Os dialetos são, na verdade, variedades de uma mesma língua. Mas, quando os dialetos são muito diferentes, como os que se falam em Holambra, eles constituem verdadeiros idiomas. É o caso do dialeto africano que se fala em Holambra, uma comunidade de holandeses a 40 quilômetros de Campinas. O dialeto africano é muito diferente do português e do espanhol, e os seus falantes não conseguem entender o português e o espanhol.